

FOR

ANA
SPTA
SINTES
CANTERA

E
B
C
E
H
J

C
IP

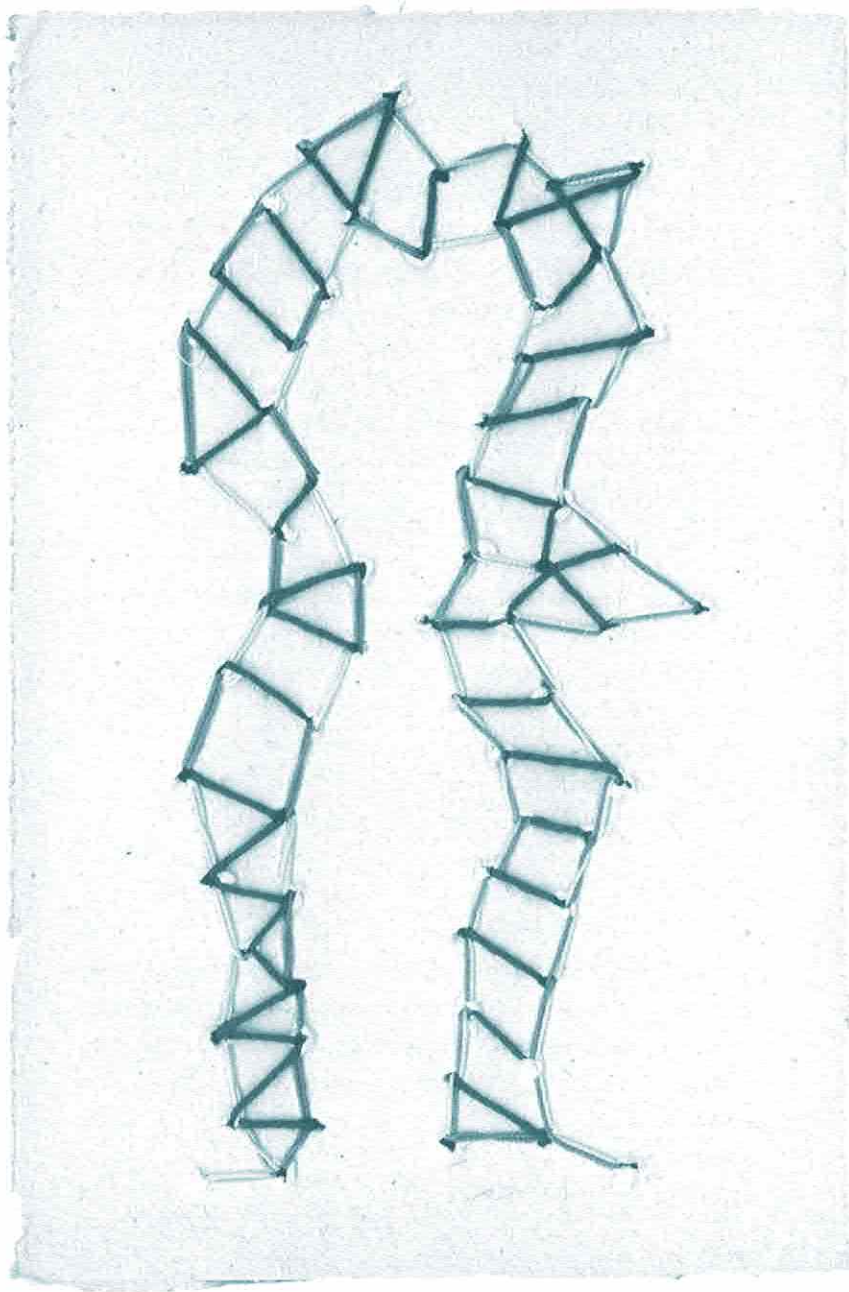
IN
R
A
V
A
N
E
E

A

T
#

Índice

- 5 Hélia Correia
O Futuro na Nuca
- 11 Rute Barbedo
Cinco Pontos Fazem uma Linha
- 19 Rita Natálio
Futurologia
- 21 Saguenail
Recuperar o Tempo
- 24 Patrícia Lino
Dentro da Boca É Escuro: Algumas Notas sobre Poesia e Fim do Mundo
- 35 David Farrier
A Vida Envolvida no Tempo Profundo
- 48 Margarida Mendes
Notas do Mississípi
- 56 Martiniano Neto
A Organização Política dos Indígenas no Brasil: um Breve Ensaio Interpretativo
- 62 Stefania Barca
Classe
- 82 Kathryn Yusoff
Uma Geologia para a Próxima Tempestade
- 88 Alexandre Wragg Freitas
A Extração de Lítio e o Problema Energético
- 98 Mariana Riquito
Futuro Minado? Não Obrigado
- 106 Marta Lança
O Dia em que Deixamos de Construir as Cidades Para os Outros
- 113 Kiluanji Kia Henda
Icarus 13: As Histórias por Contar
- 118 Tatiana Pequeno
Escolas, Sonhos, Direitos: Ideias para Sobreviver à Restante Vida
- 127 Susana Araújo
O Direito à Cidade: Fu[tu]ros ou Buracos Urbanos?
- 132 Paula Parente Pinto
EGÍDIO ÁLVARO (1937-2020)
"LEMBRAR O FUTURO: ARQUIVO DE PERFORMANCES"
- 144 Fernando Coimbra
Algumas Reflexões sobre Percepção Atemporal
- 155 Luís Miguel Oliveira
"O Cinema é uma invenção sem futuro"
- 158 Alexandre Sarrazola
To Deliver /T o Receive (Memoirs)
- 162 Rui Lopo
O Que Mais Há
- 171 Nuno Marques
Estio
- 185 Joaquim Moreno
Aprender com um Liceu Agrícola
- 193 Alice Vale de Gato e Matilde Alvim
O Futuro é a Esperança no Escuro
- 197 Raquel Nobre Guerra
O Grande é Grande Quando Pega em Mim
- 204 Catarina Barros
Labor
- 215 António Poppe
*fu ro
tu*
- 217 Biografias



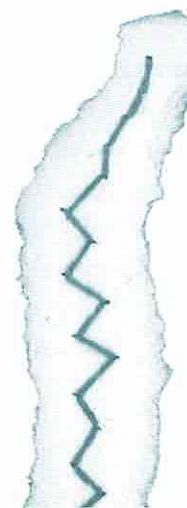
Aprender com um liceu agrícola

Joaquim
Moreno

Encontrei-me com o Liceu Agrícola François Pétrarque por sugestão simultânea de alguns amigos, quando comecei a estudar o campo cada vez mais expandido das arquiteturas da aprendizagem e me confrontei com a necessidade de traçar caminhos. Escolhi concentrar-me num momento bastante recente dos percursos de aprendizagem, entre a alfabetização da infância e a produção colectiva de conhecimento da universidade: a adolescência. Por contraste com um sujeito histórico emergente, escolhi o lugar de aprender mais antigo e disseminado: a sala de aula. Mas a imagem que tinha da sala de aula era convencional, e era preciso uma forma de descobrir salas de aula outras. E como uma das angústias da adolescência é sentir-nos adultos sem poder votar, é ter autonomia sem voz, era fundamental dialogar, e sobretudo ouvir, para fazer aparecer uma visão adolescente da sala de aula. Estar à escuta precisava de escolas vivas, em uso, e o esboço de uma paisagem histórica da sala de aula precisava de escolas que tivessem testemunhado a transformação. Descobrir, estudar, ir ao encontro do desconhecido, precisava de perguntas antes dos exemplos.

Um dos temas, inspirado pelo *recreio comestível* (*edible schoolyard*) da chefe californiana Alice Waters, era a maneira como se constroem, ou como se nutrem, os metabolismos, tantos das salas de aula como dos que nelas aprendem. O problema era que a proposta de trocar um parque de estacionamento por uma horta, e de aprender a plantar, a cultivar, a cozinhar e a partilhar a comida, raramente se cruzava com a adolescência ou com a educação secundária pública. Uma sala de aula comestível, ou uma sala de aula que se cultive em conjunto e que cresça, eram assim boas ideias à procura de se corporizarem em exemplos, em salas de aulas concretas, em uso, com as quais dialogar, com as quais aprender.

Há muito tempo que a teoria da arquitectura labora sobre uma hipótese débil ou frágil acerca da sua capaci-



dade de influenciar o curso das coisas. As formas, afinal, duram mais que os usos, e já todos percebemos que a vontade de construir coisas novas para usos novos alimenta a tal tempestade chamada progresso, que sopra do paraíso e acumula no seu caminho ruínas até ao céu. E é elementar pensar que a sala de aula mais ecológica é a que já existe, e que a rede de salas de aula só é uma forma de energia pedagógica renovável se for continuamente partilhada e reciclada, ou, dito de outra forma, reinventada. Como todos estes ciclos, todas estas transformações metabólicas, se inscrevem na carne dos edifícios, aprender com o que existe é a melhor maneira de aprender a mudança, de aprender a aprender, de transformar a curiosidade em experiência e em laboratório.

O liceu Pétrarque é um metabolismo com uma história de cumplicidades que remontam à Resistência Francesa contra o invasor nazi, entre Edgar Pisani, futuro ministro da Agricultura, e Roland Bechmann, um arquitecto que escrevia sobre florestas, catedrais góticas e ecologia numa revista intitulada *Planeamento e Natureza*. O seu manifesto, de 1966, é um exemplo da vontade de convergência entre política, educação, e planeamento e gestão do território: reclamando a produção de uma reflexão disciplinar atendível e actualizada, a introdução de estudos ecológicos como suporte do planeamento urbano e territorial, e a introdução destas questões em todos os níveis educativos.

Este manifesto parece um espelho da montagem institucional do liceu, que é finalmente misto e convergente com a educação secundária convencional, que permite simultaneamente uma especialização ligada directamente ao mundo profissional da agricultura e a continuação da educação para um nível universitário, mas que permanece independente do Ministério da Educação e continua sob a tutela do Ministério da Agricultura. Como consequência desta dependência de uma tutela territorial, o liceu abrange toda uma região, ou departamento, em linguagem administrativa francesa, com evidentes consequências na organiza-

ção da sua forma e da sua vida quotidiana. A distribuição dos alunos não depende da proximidade à residência como nas escolas secundárias locais, e a distância a casa exige uma estrutura de internato, com a vida em comunidade que isso implica. Esta vida em família sem pais depende, para o seu equilíbrio, de uma componente sociocultural e desportiva, o que na prática queria dizer um grande auditório para concertos e projecções de cinema, e instalações desportivas como um grande ginásio coberto, pistas de atletismo ou campos de rãguebi e futebol. É uma montagem institucional que troca a educação para a cidadania pela sua aprendizagem prática, numa mistura em que se sobrepõem muitas arquitecturas da aprendizagem: o liceu clássico com o cultivo do corpo, o trabalho conjunto e a comensalidade de algumas instituições religiosas, a comunalidade e igualdade dos internatos e das residências de estudantes, ou a programação cultural autogerida através da qual a escola viaja ao seu entorno mais imediato e se abre ao mundo da música e da *performance*.

Aprender deste liceu é assim aprender de um mundo paralelo, mas com um futuro convergente, de uma grande sala de aula que abriga a transformação de camponeses em agricultores. Uma arquitectura da aprendizagem que colabora na viagem de uma definição social através da pertença estática a um lugar, o campo, para uma definição através da potência da acção transformadora, da capacidade de cultivar, de ser agente de consumo e produção cultural: de batatas, couves, morangos, figos, curgetes, e outras músicas e outras literaturas... Um cultivo com os sentidos, com os corpos e com o chão, o ar e o sol.

As plantas, cortes e alçados da escola, expostos num corredor, revelam ainda outro protagonista das relações entre a instituição e a sua forma: o estudante de Arquitectura François Girard. Colaborador de Bechmann desde 1953, Girard apropria-se do projecto do edifício para seu exame final do curso, misturando a ambição pedagógica e política

do projecto com a sua vontade de aprender com a recente arquitectura de Le Corbusier, sobretudo o convento de La Tourette. O jovem Girard desenha e constrói a escola como digestão da sua admiração por Le Corbusier, para nutrir a invenção de si como arquitecto. Como quase tudo neste liceu, também o seu processo é um laboratório, uma forma de aprender...

O romance deste liceu, ou a fantasia projectada pelo meu olhar, que ele parece acolher com hospitalidade, começa logo no nome: François Pétrarque, um intelectual do Renascimento que relatou uma mítica subida a uma montanha perto da escola, o Mont Ventoux, ou, revertendo para o italiano em que ele escrevia, o Monte Ventoso. Um paradoxo inscrito logo no nome: o narrador do trabalho improdutivo, desinteressado e prazenteiro de subir a uma montanha pelo prazer da contemplação, pela ascensão espiritual que acompanha a subida, como nome de uma escola dedicada ao chão, ao terreno, ao cultivo, à ascensão espiritual através do trabalho... Talvez a chave seja a leitura que alimenta a ascensão, e o estudo que aumenta a intensidade das simbioses, tanto com o céu como com a terra. E afinal Petrarca viveu e escreveu em Avignon, uma cidade amuralhada construída em redor de um palácio fortificado, que deveria simultaneamente comunicar a magnificência dos papas que o habitavam e proteger a fragilidade das suas vidas terrenas. Dois sinais fazem a ponte entre esta distância: as gárgulas que recolhem a água que cai do céu e as imagens do cultivo e da caça nas paredes da Sala do Veado, do estúdio do papa. Uma pedra basilar de betão descoberto diante da entrada do liceu junta, em baixo-relevo, a planta da escola em forma de vela de moinho com imagens alegóricas da sua ecologia, tomadas de empréstimo das paredes do *studium* do palácio papal de Avignon: pomares, hortas, vinhas, searas, viveiros de peixe, caça, animais domesticados e os seus cuidadores. Na viagem entre a cidade e a escola, estas alegorias do estudo e da comunhão com o mundo passam de íntimas, reservadas a

um olhar singular, para uma partilha em público, quase uma chave de leitura da escola exposta aos elementos.

O elemento preponderante no terreno da escola, entre um canal de rega e a estrada para Marselha, é o Mistral, o vento frio e violento da Provença. A disposição em vela dos seus elementos abriga do vento e organiza os grandes blocos funcionais da escola: as salas com pátios, o auditório e a biblioteca, o ginásio, os vários dormitórios e o espaço central de acolhimento, distribuição e refeitório. A entrada independente do auditório assinala a abertura à comunidade de um lado, e uma fila de ciprestes do outro lado guarda as estreitas entradas dos pátios das salas de aula.

No centro desta ecologia está um edifício de três pisos, dedicado sobretudo ao acolhimento e distribuição no piso térreo, com salas de professores, cozinhas e um grande refeitório no primeiro piso, e por cima a residência do chefe de cozinha. Que alegria, encontrar uma escola com a comensalidade no centro, onde todos convergem em volta da mesa, partilhando os frutos do seu trabalho na quinta-escola e a produção local. Que alegria, descobrir uma sala de aula para o gosto, para a boca. A sala para aprender a cozinhar é noutro edifício, esta é para aprender a construir o corpo em comunidade.

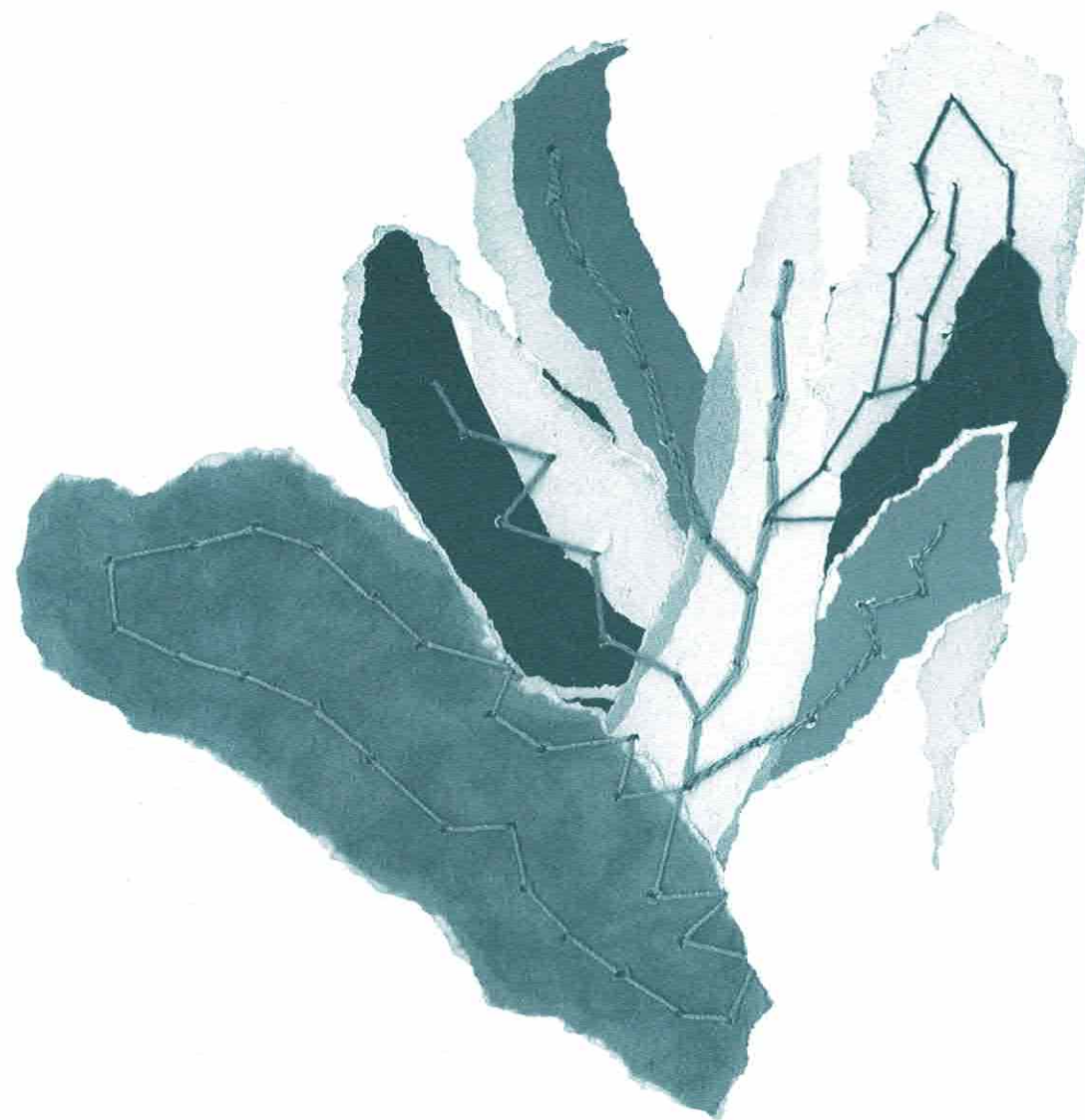
Um volume em forma de amêndoa anuncia a quem passa a entrada do auditório. Um *foyer* dividido conduz a um grande auditório com toda a aparência de uma boa sala de concertos, com paredes acústicas e uns círculos deslizantes no tecto que tanto servem para controlar a reverberação como deslizam para debaixo das clarabóias para transformar a sala de concertos em cinema. O foyer também conduz a uma galeria e a uma mediateca, organizada em redor de um autoproclamado – com um letreiro sobre a porta – jardim de leitura. O grande ginásio coberto completa a aprendizagem fora da sala de aula.

Um corredor em T estrutura as salas de aula mais convencionais e os laboratórios, sempre associados a um

pátio exterior. Passados cinquenta anos, cada pátio foi inventando a sua paisagem, com as entradas guardadas por ciprestes e um interior ensombrado por lódãos frondosos, verdadeiras aulas debaixo das árvores – as mesmas árvores que cobrem com a sua sombra as pequenas praças da Provença, que protegem os encontros e refrescam de sombra as sestras. Na projecção das gárgulas, cilindros de betão cheios de pedras do rio asseguram a recolha das águas da chuva. Pequenas paisagens íntimas, estúdios partilhados e recantos secretos.

Do outro lado do canal de rega estende-se a quinta-escola, em versão actualizada de uma instituição que remonta à Revolução Francesa: cozinha pedagógica e experimental para a inovação gastronómica; dez hectares de produção em permacultura, sem pesticidas nem adubos químicos, para saltar por cima da experiência recente e reconciliar os jovens agricultores com a geração dos seus avós; estufas viveiro onde experimentar e fazer crescer, e onde partilhar com a comunidade, que pode colher alimentos para o seu sustento; um campo de treino de agricultores empreendedores, sem os quais é impossível manter circuitos curtos de distribuição e cultivos biodinâmicos...

Quando conversamos com os estudantes ficamos a saber que, além das idas à ópera e ao teatro, o liceu tinha uma equipa de râguebi muito competitiva, outra equipa de equitação, e que a vida em comunidade os tornava mais atentos às necessidades uns dos outros. Que o lugar favorito era o canto dos fumadores, que afinal era de facto uma sombra muito simpática debaixo das árvores, que tinham uma salas de estudo novas no piso térreo de um dos dormitórios, e que uma estufa de três naves também é uma sala de aula. E aprendemos outras salas de aula...



FU RO

Editado por:

Câmara Municipal da Sertã
Casa de Gigante - Associação Cultural Mandriões no Vale Fértil

Furadores:

Margarida Vale de Gato
Miguel Manso
Nuno Marques

Alinhavos:

Natércia

Fotografia de sobre-capa e de capa:

Raquel C. Lopes

Tradução:

Clara Cuéllar dos Santos, Margarida Vale de Gato, nuno marques,
Pedraugust0, Rui Lopo

Revisão de Texto:

João Berhan

Design Gráfico:

Joana Pires

Alinhavos de Natércia sobre fotografias de Raquel C. Lopes ao longo do livro

Impressão e Encadernação:

Rainho & Neves Lda

ISBN: 978-989-54315-5-7

Depósito Legal: 501427/22

Junho 2022



C A S A A S S O C I A Ç Ã O
D E C U L T U R A L
G I G A N T E M A N D R I Õ E S
N O V A L E F É R T I L